

## **Oficinas:**

### **Uma metodologia para o cuidado na Estratégia de Saúde da Família**

*Maria Cecília Bonini Trenche*

[cecilia@trenche.com.br](mailto:cecilia@trenche.com.br)

*Karen Gonzaga Walter Rodrigues*

[karengwr@hotmail.com](mailto:karengwr@hotmail.com)

*Paula Gandolfo Costa*

[paulagandolfo@terra.com.br](mailto:paulagandolfo@terra.com.br)

Nos últimos anos a metodologia de trabalho de grupo, denominada Oficina, vem sendo utilizada como instrumento de campo de ação e conhecimento em diversas áreas. Na área da saúde, em especial, na Atenção Primária, tem sido amplamente utilizada nas práticas voltadas para promoção, recuperação da saúde, reabilitação de doenças agudas e crônicas, prevenção de danos e agravos e, também, para a formação profissional. Isto porque trata-se de uma estratégia que atende os princípios do SUS e conseqüentemente da Estratégia de Saúde da Família.

Os progressos no campo da educação, sobretudo da educação popular, e a adoção de metodologias ativas de ensino aprendizagem, bem como as contribuições da Psicologia para os trabalhos com grupo, têm sido pouco a pouco apropriados no campo da saúde, constituindo-se em valiosos instrumentos para as práticas de cuidado em saúde tanto no plano individual como coletivo.

A construção de novas formas de organizar e operar as práticas de saúde são fatores imprescindíveis para a concretização de um sistema de saúde acessível e de qualidade. Em modelos assistenciais voltados para o fortalecimento e estruturação da Estratégia de Saúde da Família a prática de oficinas constitui-se como tecnologia de formação (para) e de cuidado em saúde, pois sua estrutura de funcionamento potencializa o acolhimento, a formação de vínculos, a problematização, a responsabilização e contribui para a construção da cidadania. Em tais modelos a concepção de cuidado

fundamenta-se no conceito de saúde como um direito de cidadania, não apenas no sentido jurídico, mas no sentido emancipatório<sup>1</sup>.

Portanto, as práticas de oficinas na Estratégia de Saúde da Família atendem aos seus próprios princípios – humanização, integralidade, saúde como um direito, enfoque familiar, intersectorialidade, identificação e intervenção dos fatores de risco, participação popular, qualidade de vida e democratização do conhecimento - e devem ser incentivadas, pois tem a possibilidade de estabelecer um comprometimento com a prevenção, promoção, resolutividade da assistência e a identificação das necessidades de saúde do território, podendo envolver os grupos e as famílias mais vulneráveis. Optar por esta metodologia possibilita a atuação de uma equipe multiprofissional e a estimulação da participação da comunidade, democratizando os saberes e os deveres.

Pensar o cuidado em saúde é compreendê-lo como fenômeno político, tanto na perspectiva do cuidador quanto do cuidado, porque o ato de cuidar é inseparável da concepção de saúde. Pode ser reduzido a procedimentos técnicos ou ir além e abranger formas de produzir subjetividades, transformar modos de ver, sentir e agir.

Para Guattari *apud* Campos (1997) a produção de novas subjetividades depende de certa abertura a novos referenciais. Mas podemos questionar: Como é possível conseguir estas aberturas? É aí que tecnologias, que podem ser consideradas “tecnologias leves”, como as oficinas exercem papel fundamental, pois configuram-se como estratégias que carregam em si a preocupação com o diálogo, com a reflexão. Certas práticas na APS (atendimento domiciliar, acompanhamento terapêutico, orientações, educação continuada, oficinas) visam produzir tais aberturas. Entretanto, com o passar do tempo por se tornarem práticas comuns e corriqueiras em muitas Unidades Básicas de Saúde, correm o risco de se tornarem menos eficaz aos objetivos propostos. A reflexão e a busca de respaldo teórico a para a aplicação de uma metodologia de trabalho pode potencializar os resultados e é com esse objetivo que elaboramos este capítulo.

---

<sup>1</sup> Esta expressão aqui no texto refere-se ao sentido em que Paulo Freire diz que a educação emancipa o indivíduo, refere a saúde como um processo de melhoria de qualidade de vida.

A revisão da literatura sobre oficinas mostra que há poucas referências bibliográficas relacionadas a esse recurso metodológico, sendo a maioria delas do campo da saúde direcionadas a experiências em Saúde Mental<sup>2</sup>.

O foco deste capítulo é a reflexão do uso das oficinas não apenas como uma técnica, mas como um dispositivo de cuidado, educação e promoção da saúde.

Nesta apresentação procuraremos responder as seguintes questões: Como se caracterizam as oficinas? Em que base teórica podemos sustentar esta prática? Como podem ser usadas na Estratégia de Saúde da Família? Que conhecimentos os profissionais que desejam utilizá-la precisam para que sua realização produza as transformações desejadas?

Nosso interesse é discutir as oficinas na educação e promoção da saúde.

---

<sup>2</sup> No campo da Saúde Mental oficinas terapêuticas vem sendo utilizadas como dispositivos de Reabilitação Psicossocial e da desinstitucionalização do doente mental (BOTTI, 2004).

A portaria **GM 728 de 10 de outubro de 2002**, inclui na tabela SIA/SUS as oficinas nos CAPs para portadores de deficiência e de transtornos mentais e descreve da seguinte maneira: as atividades Profissionais em Grupo (mínimo 5 ou no máximo 15 pacientes) de socialização, expressão e inserção social com duração mínima de 2 (duas) horas executada por profissionais de nível médio, através de atividades profissionais tais como carpintaria, costura, teatro, cerâmica, artesanato, artes plásticas, entre outros. As oficinas terapêuticas poderão funcionar, não apenas na própria unidade, mas também em outros espaços específicos, com a condição de estarem sob supervisão e acompanhamento de profissional de reabilitação. Deverá contar com equipe composta de, no mínimo 4 (quatro) profissionais de nível superior, sendo pelo menos 1 (um) na área de reabilitação.